

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 27

NOTAS SOBRE O TRABALHO PRODUTIVO EM MARX E
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO SOB O CAPI-
TAL PRODUTIVO

ANTONIO WILSON FERREIRA MENEZES

Outubro/1984

anpec
Associação Nacional
de Centros de
Pesquisa em
Econômica

Este trabalho foi impresso
com a colaboração da ANPEC
e o apoio financeiro do PNPE

PROGRAMA NACIONAL DE
PNPE
DE PESQUISA EM ECONOMIA

NOTAS SOBRE O TRABALHO PRODUTIVO EM MARX E
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO SOB O CAPITAL PRODUTIVO.

ANTONIO WILSON FERREIRA MENEZES
CME/UFBa.

Apresentação

Este trabalho é uma versão modificada de um capítulo da tese de 3^{ème} cycle, defendida pelo autor junto a Universidade de Paris I, em dezembro de 1981.

Sua idéia básica avança sobre o caráter do trabalho produtivo próprio ao capitalismo na visão marxista. O esboço aqui apresentado, diz respeito ao momento de valorização do capital no curso de sua reprodução.

Optou-se por uma apresentação dos resultados em dois capítulos distintos. O primeiro trata a questão teórica, tentando resgatar uma espécie de síntese do conceito de trabalho produtivo em Marx; para tanto, discute-se alguns problemas pertinentes a este objeto de estudo, tais como: momento da produção no processo de rotação do capital; coordenação do trabalho no esquema de divisão social do trabalho; vigilância, controle e administração do capital no seu movimento de valorização etc. Buscou-se, nesta parte, clarificar o conceito de trabalho produtivo, o qual será explorado, mais pormenorizadamente, em seguida.

No segundo capítulo, ainda perseguindo uma maior nitidez do conceito em pauta, desce-se a um nível de abstração mais próximo da realidade econômica capitalista. Nesse momento, discute-se a questão da organização social do trabalho sob o exclusivo domínio do capital produtivo. Aqui, apresentam-se algumas linhas de percepção do contraditório "mundo" da produção. Temas como coordenação do trabalho, trabalho manual e intelectual e efeitos dessa organização do trabalho ao nível do trabalho e do capital, formas de movimento dos salários dos trabalhadores produtivos e improdutivos frente ao movimento dos lucros, são debatidos.

Trata-se de abordagem parcial, dado que os muitos aspectos teóricos precisariam ser devidamente exemplificados, e despretenciosa, pois consideramos que a maior validade desse estudo aparece quando do esboço de uma sistematização bibliográfica, não se reivindicando, portanto, o pioneirismo na busca do conhecimento. Pretende-se, sim, como estimula Conceição Tavares,

"soltar as amarras das 'inibições metodológicas' e deixar a livre imaginação e o espírito criador, num esforço de interpretação, embora parcial e provisório..."

Por fim, cabem os agradecimentos aos colegas de trabalho e alunos do CME que participaram de nosso seminário, especialmente na pessoa do José Sérgio Gabrielli, pelo estímulo oferecido para publicação desse ensaio na forma de Textos para Discussão. Gostaria, ainda, de lembrar a preciosa colaboração do Paulo Hermida, aluno deste centro, que como eu vivência expectativas de uma pureza, mas não neutralidade, teórica.

1. Introdução

Este ensaio tem como objetivo a sistematização do conceito de trabalho produtivo enquanto categoria de análise da estrutura do pensamento econômico marxista.

Trata-se de tema muito controverso. As interpretações existentes, normalmente, se vinculam a três aspectos. Em primeiro lugar, observa-se uma corrente bastante influenciada pelos teóricos da escassez e do bem estar, essa visão acenta-se sobre a utilidade-necessidade do produto do trabalho e propõe, sempre em relação a uma sociedade socialista anteriormente concebida, critérios para uma definição do trabalho produtivo; a normalização desse conceito flutua, guardando, não raro, referências moralizantes, entre a concenciosidade dos homens e o desnecessário para a emancipação da humanidade. Em verdade, todo trabalho é, na acepção geral do termo, produtivo, desde que necessário, muito embora essa generalidade em nada auxilie para uma definição concernente ao modo de produção capitalista.

Em seguida, apresenta-se uma corrente, fundada por Poulantzas, que apesar de partilharmos em muitas das suas posições sobre a questão, quando vista no plano econômico, torna-se no mínimo controvertida de quando da manipulação política do conceito. Essa corrente, ao delimitar a classe trabalhadora a partir do trabalho produtivo nos parece paradoxal.

O lugar do trabalhador produtivo no modo de produção capitalista é fixado pela forma como se verifica a exploração do trabalho, numa situação de dupla liberdade, dos meios de produção e técnica e pelo grau de sua utilização, estando este nívelado pela intensidade dos serviços aí extraídos. No primeiro momento ficam estabelecidas as características estruturais da exploração do trabalho no capitalismo, enquanto que o segundo estabelece a força da exploração, fixando a produtividade do trabalho a certo estado da técnica.

Entretanto, a delimitação da classe trabalhadora, pelo menos no sentido político do termo, e de sua luta exercida frente ao capital, a partir do conceito de trabalhador produtivo, nos parece equivocada. Mesmo porque o trabalhador produtivo é produtivo quando exercendo determinadas funções no processo produtivo e contribuindo para a formação de novo capital. Ora, o trabalhador que foi desligado do processo produtivo por desemprego permanece trabalhador e no interior de sua classe, muito embora pos

sá modificar sua perspectiva política, conquanto deixe de ser produtivo face ao capital.

Finalmente, apresenta-se uma abordagem onde o trabalho produtivo engendraria apenas aquelas funções produtivas que expressão resultados imediatamente materiais. Essa ótica, longe de conduzir para a elucidação da problemática, a torna superficial, mecanicista e mistificadora. Superficial por não pensar a questão, para nós crucial nos dias de hoje, dos "serviços". Mecanicista porque escapa às determinações das relações de produção no capitalismo, remetendo a questão ao conteúdo físico do produto do trabalho. Mistificadora pela deturpação de suas posições. Ora, do ponto de vista estritamente material o trabalho pode ou não se encontrar diretamente subordinado ao capital, logo, em relação a este, ele pode ou não ser produtivo.

A abordagem aqui adotada repousa numa leitura dos principais textos de Marx sobre o assunto e, caracteriza essa categoria como eminentemente da esfera econômica. A categoria de trabalho produtivo desempenha um papel de fundamental importância junto a teoria do valor-trabalho abstrato, bem como, sua compreensão, de forma clara, possibilita o entendimento, de maneira menos problemática, de questões como: produtividade do trabalho, avanço tecnológico no capitalismo, o fim específico da produção capitalista, desenvolvimento da divisão técnica do trabalho com vistas a alcançar esse fim etc. O desdobramento dessas questões remete ainda a outras mais abrangentes tais como: tendência decrescente da taxa de lucro, perspectivas do capitalismo como forma de organização social, etc.

A apresentação desse capítulo foi constituída em 4 partes. A primeira, bastante introdutória, sublinha as formas que toma o capital no curso de sua rotação. Esta parte foi empreendida apenas para situar o capital-produtivo, buscando com isso uma delimitação do ambiente de ação do trabalho produtivo.

Em seguida, esboçar-se uma discussão sobre a evolução do conceito em Marx, bem como tenta-se delinear a esfera da produção - sob o domínio do capital-produtivo - como o verdadeiro "habitat" do trabalhador produtivo.

A terceira etapa, leva em consideração algumas situações específicas, interna e externamente, ao modo de produção capitalista. Por fim, são emitidas algumas conclusões.

2. O capital (im)produtivo

Entende-se por rotação do capital, ao movimento empreendido por este objetivando a uma adição do seu valor, dito de outra forma, trata-se do movimento através do qual o empreendedor busca valorizar seu capital.

Esta rotação - processo de valorização do capital - se verifica em três grandes fases sucessivas, como mostra Marx (1):

- a) "Le capitaliste apparaît sur le marché des marchandises et sur le marché du travail comme acheteur; son argent se convertit en marchandise, autrement dit accomplit l'acte de circulation A-M".
- b) "Consommation productive, par le capitaliste, des marchandises achetées. Il agit como producteur de marchandises capitaliste; son capital accomplit le procès de production. Résultat: une marchandise d'une valeur supérieure à celle de ses éléments producteurs".
- c) "Le capitaliste retourne sur le marché comme vendeur; sa marchandise se convertit en argent, autrement dit accomplit l'acte de circulation M-A".

Estas três fases se fecham em uma unidade efetiva (A-M-P-M'-A') na qual o início pode ser realizado pela ação de capitais individuais em qualquer uma de suas fases. Por intermédio da divisão social do trabalho cada uma dessas fases pode adquirir uma certa autonomia, com uma esfera própria de influência, mas guardando sempre sua ligação orgânica com o conjunto do capital social. Assim, o que antes era papel de um único capital, ou de vários capitais exercendo a mesma tarefa, é posteriormente açambarcado por três tipos específicos de capital, a saber: comercial, financeiro e produtivo, e suas funções se completam de maneira a reproduzir o capital considerado em seu conjunto social (2).

O tempo total de uma rotação do capital corresponde a soma do período dispensado na esfera de produção (onde o capital é produtivo), mais o tempo demandado na esfera de circulação (comercialização e/ou financiamento). Equivale igualmente ao período em que o capital se desloca de uma de suas formas - dinheiro, produtivo e mercadoria - até seu retorno a sua forma originária.

O significado do processo é o mesmo se todo seu percurso é feito por um único capital ou, se:

- a) a função de venda ganha autonomia;
- b) o capital foi de empréstimo, obtido junto ao setor financeiro;
- c) o dinheiro original foi por outra antecipação.

Os capitais comercial e financeiro funcionam na esfera de circulação.

"... Le procès de circulation est une phase de l'ensemble de procès de reproduction. Mais aucune valeur, donc aucune plus-value, n'est produite au cours de procès de circulation. Seules des modifications formelles de la même masse de valeur s'y produisent; elles se résument en fait à la métamorphose des marchandises qui n'a rien à voir avec une création ou une modification de valeur" (3).

Seus lucros provem da mais-valia criada na esfera de produção. Após a realização da mercadoria, ou durante esta realização, se verifica um processo de repartição deste valor excedente entre os diferentes setores que não participaram diretamente para a criação de mais-valia.

"... Le prix de vente du commerçant est donc supérieur à son prix d'achat non pas parce que le premier est au-dessus, mais plutôt parce que le second est en dessous de la valeur totale" (4).

Esta contradição se manifesta também para o capital financeiro, como pode-se observar na passagem abaixo.

"L'argent effectue des mouvements purement techniques dans le procès de circulation du capital industriel et, pouvons-nous ajouter maintenant, du capital commercial, puisque celui-ci se charge d'une partie de la circulation du capital industriel, faisant de cette partie son mouvement propre. La transformation de ce capital en capital financier est justement opérée par ces mouvements qui, rendus autonomes, deviennent la fonction d'un capital particulier; ce dernier effectue ces mouvements, et eux seulement, comme les opérations qui lui sont propres ... Ce travail fait partie des frais de circulation; il ne crée donc pas de valeur. Pour l'abrégé, il est exécuté par une catégorie spéciale d'agents ou de capitalistes pour tout le reste de la classe capitaliste" (5).

As duas esferas - comercial e financeira - trabalham com valores constituintes e/ou realizáveis. Elas não executam nenhuma mudança, nem quantitativa, nem qualitativa (6), no valor das mercadorias que fazem circular.

A rotação do capital mostra como seu movimento passa por diferentes fases a medida em que esse toma formas distintas.

Pelo movimento próprio ao capital, em seu processo de rotação, que é ao mesmo tempo um processo de criação de novos valores, ele (o capital) percorre uma trajetória que parte do processo de circulação para chegar ao processo de produção e deste, agora já valorizado, ao processo de circulação. A medida que o capital percorre estas diferentes fases (circulação-produção-circulação) ele se apresenta sob várias formas diferenciadas: capital-dinheiro, capital-produtivo e capital-mercadoria.

3. O trabalho (im)produtivo

Discutiu-se de maneira muito rápida o processo de rotação, apenas para se observar como o capital toma a forma produtiva; tentar-se-á agora, examinar como no interior dessa mesma forma, o trabalho se caracteriza como produtivo.

Mesmo se ao longo da obra de Marx encontram-se passagens contraditórias, e até mesmo ambigüidades, a respeito do trabalho produtivo, deve-se sempre ter em conta, para uma melhor apreciação desse conceito, seu método de apropriação do real - aquele que vai do simples em direção ao complexo - como também deve-se levar em consideração sua nítida diferenciação entre, de uma parte, o que demarca a pesquisa propriamente dita e, de outra, a exposição de seus resultados. Seguido este itinerário de leitura, as passagens em conflito não cederão lugar à contradições de terminologia.

Ainda que a categoria trabalho produtivo não figure no Manifesto (7) de 1848, mas considerando o conceito de proletariado aí presente (8), encontra-se neste momento, em Marx, dois conceitos concorrentes para o trabalho produtivo (9), são eles:

- 1) aquele associado à desposseção dos meios de produção por parte dos trabalhadores;
- 2) aquele ligado à produtividade material do trabalho.

Estes conceitos têm em comum o fato de não colocarem em relevo uma forma específica de exploração dado que decorrem imediatamente de uma concepção de exploração baseada sobre a troca -

logo sobre a Circulação -, esta concepção considera que os trabalhadores estão expostos "a toutes les vicissitudes de la concurrence, à toutes les fluctuations du marché" (10).

Assim, o grande desenvolvimento das forças produtivas (indústria, navegação, equipamentos, divisão social do trabalho etc) e o livre-câmbio - no capitalismo - vem promover a baixa do salário, proporcionalmente mais importante que a baixa dos demais preços. A concorrência do capital para obtenção de novos mercados, as crises e o aumento do número absoluto de proletários acabam por estimular (movimento em crescendo) a concorrência entre estes últimos, o que conduz a pauperização - mesmo do ponto de vista absoluto (11).

Somente mais tarde, com o desenvolvimento do rigoroso conceito de força de trabalho enquanto mercadoria e, sobretudo, com a noção de excedente econômico englobando todas suas formas particulares de existência, ou seja, com o conceito de mais-valia, é que Marx foi levado a considerar em suas obras posteriores, o trabalho produtivo como sendo aquele que produz mais-valia.

O conceito de mais-valia estendeu verdadeiramente a compreensão da exploração da força de trabalho em geral e, da força de trabalho produtiva em particular. A despeito disso, continuou-se a tratar o trabalho material como o único produtivo(12). Este foi considerado, a partir daquele momento, como o trabalho que, através da nova organização industrial, permite a apropriação real da natureza pelo homem.

O estudo dos conceitos de trabalho produtivo/trabalho improdutivo é de importância capital para uma compreensão da teoria do valor-trabalho abstrato. A clareza desses conceitos permitirá distinguir os trabalhos concretos que (sem problemas ao nível metodológico) podem englobar a categoria - conceitualmente mais genérica - de trabalho abstrato, no modo de produção capitalista.

O trabalho produtivo é trocado contra o dinheiro enquanto capital variável, de maneira independente de seu resultado real, este pode se apresentar ou não sob forma de objetos materiais, isto é, independentemente de sua utilidade ou de seu valor-de-uso particular; sob o capitalismo ele se introduz na rotação do capital para produzir valor e sobretudo mais-valia, ocupando, por conseguinte, a forma ampliada de circulação (A-M-A' onde A' é maior que A).

"Le premier acte d'échange formel de l'argent et du travail, ou du capital et du travail, n'est que virtuellement appropriation de travail vivant étranger par du travail matérialisé. Le procès d'appropriation réel ne se déroule que dans le procès de production réel, qui se situe après cette première transaction formelle - transaction où capitaliste et travailleur s'affrontent comme simples possesseurs de marchandises, se comportant l'un envers l'autre comme acheteur et vendeur - lorsqu'elle est passée" (13).

O trabalho improdutivo, necessário e subordinado ao capital, é trocado pelo dinheiro enquanto meio de circulação, de maneira igualmente independente de seu resultado, o qual pode estar ou não materializado sob forma de produtos concretos. Ele participa da circulação simples de mercadorias, M-A-M.

"Dans l'échange d'argent contre du capital improductif la différence apparaît de manière frappante. Ici, l'argent et le travail ne s'échangent l'un contre l'autre que comme marchandise. Au lieu que cet échange produise dans ce cas du capital, il est une dépense de revenu" (14).

Desta maneira, está-se de acordo com Marx, quando ele diz que:

"Par travail productif, nous entendons donc un travail socialement déterminé, qui implique un rapport bien précis entre vendeur et acheteur de travail. Ainsi le travail productif s'échange directement contre l'argent-capital, un argent qui en soi est du capital, ayant pour destination de fonctionner comme tel et de faire face comme tel à la force de travail" (15).

Não obstante, considerando do ponto de vista do trabalhador, os dois trabalhos (produtivo e improdutivo) tomam a forma simples de circulação (M-A-M). O trabalhador, produtivo ou não, vende sua força de trabalho por um salário qualquer, suficiente, em média, para sua reprodução enquanto força de trabalho. Dito de outra forma, o trabalhador recebe um salário que lhe permite adquirir, no mercado, os meios necessários para lhe assegurar a subsistência. O que assegura então a reprodução das relações sociais de produção no capitalismo. O caráter de produtividade ou improdutividade do trabalho não advem de seu pagamento em sa-

lário, mas de uma especificidade da produção social (16).

Assim, é falso considerar todo e qualquer trabalho como produtivo. Mesmo se a necessidade de outras formas de trabalho se impoñha ao modo de produção capitalista, o trabalho produtivo é apenas aquele consumido diretamente no processo de produção, tendo por objetivo a valorização do capital; dito de outra forma, o trabalho produtivo resulta da ação da força de trabalho que produza valor além do seu; resulta da ação da força de trabalho que produza mais-valia.

Está excluído, do que se entende por trabalho produtivo, o da força de trabalho empregada no processo de circulação do capital. Ainda que ela assinale sua ação na produção capitalista, sua remuneração constitui despesas indispensáveis à realização do valor-mercadoria (fruto da atividade industrial) em valor-dinheiro.

Esta mudança de estado em direção a realização do valor, dispensa tempo e força de trabalho, não para criar valor, mas para efetuar a conversão de uma forma do valor a uma outra - da forma mercadoria à forma dinheiro (17). Não é considerado como trabalho produtivo aquele que depende da esfera de circulação do capital ou que contribua unicamente para a realização da mais-valia.

Apesar disso, os trabalhadores empregados em dois momentos da rotação (produção e circulação) são explorados pelo capital. Uns pela apropriação da mais-valia criada no tempo de trabalho excedentário à sua reprodução; os outros pelo sobre-trabalho que permite ao empregador uma diminuição de suas despesas de circulação. Como estas despesas são deduzidas de suas receitas, sua redução representa uma economia para o capital. Logo, aumentando o valor retido, o empregador provoca uma diminuição do valor gasto em trabalho improdutivo.

4. Uma tentativa de sistematização

O trecho que segue, extraído das "Théories sur la plus-value", contribui, sobremaneira, ao esclarecimento da questão de trabalho produtivo e improdutivo quando confrontados aos "serviços":

"La production n'est pas separable de l'acte de production; même chose pour tous les artistes exécutants, orateurs, acteurs, enseignants, médecins, pères, etc.

Là aussi, il n'ya mode de production capitaliste que dans une mesure réduite et il ne peut avoir lieu, par la nature de cette activité, que dans quelques sphères. Par exemple, dans des établissements d'enseignement, les enseignants peuvent être de simples travailleurs salariés pour l'entrepreneur de cet établissement d'enseignement: de telles usines d'enseignement existent en grand nombre en Angleterre. Bien qu'ils ne soient pas travailleurs productifs vis-à-vis des élèves, ils le sont vis-à-vis leur entrepreneur. Lui, échange son capital contre leur puissance de travail et s'enrichit grâce à ce procès. Il en va de même pour les entreprises de théâtre, les établissements de distraction, etc. Vis-à-vis du public, l'acteur se comporte ici comme un artiste, mais vis-à-vis de son entrepreneur il est un travailleur productif (18) (Sublinhado por nós).

A despeito do exposto acima e considerando a pretendida insignificância do domínio dos "serviços" - comparativamente mais importante hoje, devido sua grande expansão - em relação ao conjunto da produção capitalista, persiste, em Marx, uma dupla significação para o trabalho produtivo (19).

1) o trabalho produtivo capitalista que, através da organização industrial, se apropria da natureza e que, no imediato desta mesma organização, produz materialmente (20) a mercadoria;

2) o trabalho sob a produção capitalista - o qual tem como objetivo a valorização do capital, isto é, a produção de mais-valia - que revolucionou a cooperação e a divisão social do trabalho, lhes submetendo a estruturas e a relações de produção determinadas.

As numerosas acepções admitidas por estes conceitos nos conduzem a uma tentativa de unificá-los. Antes, porém, é preciso considerar o primeiro conceito como sendo menos globalizante, pois que ele é necessário mas não suficiente para uma definição do trabalho enquanto produtivo. Ele é secundário em relação ao segundo conceito, mais largo, que define o trabalho produtivo como aquele gerador de mais-valia. Agora pode-se, com segurança, colocar em relevo duas características que diferenciam os dois conceitos para, em seguida, avançarmos algumas conclusões.

Primeira

Constata-se:

- 1) a existência de atividades que pertencem ao processo de produção, mas que se encontram confundidas no processo de circulação;
- 2) a existência de atividades que pertencem ao processo de produção, mas que não produzem valores materiais.

Nesses dois conjuntos de atividades, seus resultados não existem separadamente do ato de produção todavia, nos dois casos, o trabalhador vende sua força de trabalho e não o produto de seu trabalho. Essa força de trabalho é comprada como fator vivo e não a título de serviço. Ela é paga pelo dinheiro-capital que busca a mais-valia e não pelo dinheiro-renda trocado por uma prestação de serviço. Trata-se, assim, de um trabalho produtivo no sentido anteriormente proposto.

Para o primeiro caso, daremos o exemplo, já clássico, dos transportes, os quais fazem circular as mercadorias sem contudo, realizá-las. Para o segundo caso, podemos citar as prestações de "serviços", que submetem o trabalho a um capital em via de valorização - como no exemplo da usina de ensino em Marx (21).

O trabalho empregado aqui é idêntico àquele utilizado pelas demais atividades industriais, produção de bens tangíveis. Seu ato de produção é imediatamente um ato de consumo (produtivo ou não) e a mais-valia aqui criada está como, em qualquer outra circunstância, imediatamente submetida ao capital. Para os dois casos mencionados acima, realçaremos as atividades as quais o trabalhador vende ao capitalista a execução/resultado do seu trabalho em troca de salário, em detrimento daquelas atividades em que a execução/resultado é vendida, seja diretamente ao consumidor, seja por intermédio de um capital comercial. Tomaremos então, em consideração algumas atividades - com fins materializados ou não - em que a produção se situa fora do processo de produção capitalista, mesmo se elas se encontram confundidas no processo de circulação do capital. Por exemplo, as múltiplas formas de artesanato e as produções individuais e familiares, que realizam seus produtos no circuito comercial capitalista como mercadorias. Estas atividades, produzem valores de uso e valores de troca, mas não produzem jamais mais-valia.

Segunda:

Observa-se a execução de trabalhos, no interior mesmo do

processo de produção, onde não existe uma submissão imediata do trabalho ao capital em processo de valorização; entretanto, eles decorrem, em última instância, da evolução e da complexidade do antagonismo trabalho/capital.

Podemos dividi-los em dois grandes grupos:

- 1) coordenação do processo produtivo - este grupo se ocupa de estabelecer a conexão entre os múltiplos trabalhos parciais, os quais são oriundos da divisão técnica do trabalho. Esta coordenação chega a unificar o processo produtivo em vista de sua atividade global e final. Os trabalhos que aí são empregados são produtivos, e se encontram entre aqueles que vendem a execução/resultado de sua ocupação ao capital em valorização;
- 2) vigilância-controle/controlado-administração - estes dois tipos de trabalho adquirem uma importância com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, baseado na evolução, dentro de uma complexidade crescente, da organização das unidades industriais. Eles se distinguem pela posição hierárquica que ocupam no processo global de produção e decorrem, imediatamente, da submissão do trabalho ao capital, bem como, da contradição existente entre eles. Os trabalhos que aí são empregados são remunerados pelo dinheiro-renda em troca de uma prestação de serviços - eles são improdutivos.

5. Conclusão

Ainda que a mercadoria tenha constituído um elemento complexo no passado, devemos considerá-la, hoje, como uma coisa simples, face a multiplicidade e complexidade das relações humanas (verificadas no capitalismo atual). Assim, devemos pensá-la em seu movimento, tendo em conta suas transformações, e não apenas em sua expressão materialmente tangível, sem considerar a possibilidade, já mencionada pelo próprio Marx, de que ela possa ter uma expressão imaterial.

Nesta nova dimensão - mais desenvolvida e mais complexa - do capitalismo, é difícil estabelecer, de maneira real e formal, os limites entre as duas grandes esferas, aquela da produção e aquela da circulação dos valores produzidos. Todavia, se analisarmos

teoricamente um momento qualquer do real, a partir de uma concepção metodológica coerente e admitida pela realidade econômico-social - como no materialismo histórico de Marx -, poderemos concluir sobre o caráter do trabalho empregado, isto é, se este trabalho é produtivo ou improdutivo.

Observamos ainda que a realidade econômica na época de Marx encontrava-se menos desenvolvida e que sentia-se menos a necessidade de um debate sobre os "serviços". Estes compreendem a contabilidade, as despesas de armazenagem, as despesas de circulação e muitos outros serviços que aparecem e/ou se desenvolvem de forma análoga a usina de ensino e que podem ou não encontrar-se sob os cuidados do Estado (22). Tratam-se de atividades que representam papéis ora produtivo, ora improdutivo; suas características apenas dependem da maneira pela qual elas estão engajadas na produção, seja para valorizar o capital, seja para o fazer circular (23).

Notas

- (1) Marx, K. Le capital II, p.27.
- (2) Hoje, em razão do desdobramento do movimento de centralização do capital, podemos reencontrar todas estas formas e funções reunidas em um mesmo bloco econômico: trata-se aqui do capital financeiro, na tradicional acepção de Hilferding.
- (3) Marx, K. Le capital III, p.271.
- (4) Idem II, p.276.
- (5) Idem III, p.301.
- (6) Unicamente, do ponto de vista do valor-trabalho.
- (7) Marx, K. e Engels, F. Manifeste du parti communiste.
- (8) Idem. "A mesure que grandit la bourgeoisie, c'est-à-dire le capital, se développe aussi le prolétariat, la classe des ouvriers modernes qui ne vivent qu'à la condition de trouver du travail et qui n'en trouvent que si leur travail accroît le capital" p.41.
- (9) Villalobos, A. Nota sobre "trabalho produtivo/trabalho improdutivo" e classes sociais.
- (10) Marx, K. e Engels, F. op cit p.41.
- (11) Idem
- (12) Koça, Eisaburo. Problèmes théoriques de l'organisation des classes et du travail productif. In: Critiques de l'économie politique; N° 10. "Le travail matériel est la source origi-

nelle d'où le capital tire de la plus-value. Par contre, le travail non matériel tend à rester l'objet d'échange contre revenu et par cela à rester service" p.63.

- (13) Marx, K. Théories sur la plus-value. I. p.475.
- (14) Idem I, p.476.
- (15) Idem. Un chapitre inédit du capital p.231.
- (16) Idem. "tout travailleur productif est salarié, mais ne s'en suit pas que tout salarié soit un travailleur productif. p.228.
- (17) Idem. op cit II. "la tentative réciproque de s'approprier à cette occasion un quantum supplémentaire de valeur ne change rien à la chose". p.115.
- (18) Idem. Théories... I. p.480.
A mesma idéia, ainda que menos desenvolvida, aparece em "Un chapitre..." p.239 e em "Le Capital" I, p.362.
- (19) Marx, K. Un chapitre ... p.225.
- (20) Materialmente, não apenas no sentido palpável do termo, mas também no seu sentido fluido.
- (21) Este exemplo pode ser ampliado por qualquer outro "serviço"/mercadoria, desde que a execução/resultado do trabalho seja vendida ao comprador no objetivo de uma valorização de seu capital.
- (22) É preciso pensar o Estado, hoje, não somente, como agente de direito público, mas também como agente produtor e, pois, empregador do trabalho produtivo. Deve-se separar, a partir das relações estabelecidas, esses dois papéis do Estado.
- (23) Marx, K. Théories... "Le résultat du procès de production capitaliste n'est ni un simple produit (valeur d'usage) ni une marchandise, c'est-à-dire une valeur d'usage qui a une valeur d'échange déterminée. Son résultat, son produit, c'est la création de la plus-value pour le capital et donc la transformation effective d'argent ou de marchandise en capital, ce qu'ils ne sont, avant le procès de production, qu'en intention, en soi, par destination". p.467.

A nova organização do trabalho sob o capital produtivo

1. Introdução

No estudo ^{sobre} o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo, falamos de dois grandes grupos da divisão social do trabalho - a coordenação e a vigilância/controle, controle/administração - no imediato do processo de produção capitalista. Agora, tentaremos mostrar como o desenvolvimento do processo de valorização do capital introduz - de mais a mais - uma contradição secundária que se soma à contradição capital/trabalho. Esta contradição secundária se manifesta entre as funções de coordenação/trabalho produtivos e as atividades de vigilância/controle, controle/administração.

De início, é preciso sublinhar que os conceitos de trabalho produtivo e de trabalho improdutivo conduzem diretamente a um exame relativo às classes sociais no capitalismo. Entretanto, eles não são suficientes para as delimitar (1), pois não se deve esquecer a estrutura hierárquica onde se colocam os trabalhadores* (produtivos e improdutivos) para exercerem suas atividades; é preciso igualmente se lembrar da repercussão desta hierarquia ao nível dos salários e, ainda, da existência de exploração nos dois subconjuntos de atividades - num pela extração da mais-valia que permite a formação do excedente econômico; noutro pelo sobretrabalho que torna possível uma economia deste mesmo excedente em favor do capital.

O objetivo aqui é modesto, a discussão será então limitada. Devemos mostrar somente a oposição antes mencionada, sem propor nenhum limite que precise uma caracterização sobre as classes sociais. Isto é devido à impossibilidade de seguir, no momento, nosso estudo, sem o qual, a nosso entender, não se fixa aquela caracterização (2).

2. A coordenação do trabalho

A passagem histórica da subordinação formal em direção à subordinação real do trabalho ao capital (3) introduz uma forma específica de divisão social do trabalho e, impõe um tipo específico de cooperação do trabalho (4).

Esta mesma passagem cria as condições para o desenvolvimento de uma relação econômica contraditória e hierarquizada, estando dado que de um lado, se situa o trabalhador com sua força de trabalho explorada e consumida no processo de produção e, do outro, o capitalista que vigia e dirige o consumo e a exploração dessa mesma força de trabalho.

Além disso, uma tal relação exige a reunião de trabalhadores em um lugar

comum, o emprego simultâneo de diferentes forças de trabalho por um único capital (capitalista), assim como uma atividade de coordenação do trabalho em vista de assegurar a conexão entre as múltiplas ocupações engendradas pela divisão social do trabalho, a medida que cresce a escala de produção.

Do fato do aumento da escala de produção, e de uma maior concentração de trabalhadores - exercendo várias ocupações - nas empresas, conduz a uma maior resistência desses últimos vis-à-vis os capitalistas. Isso leva a cooperação do trabalho sob o capital a adquirir uma dupla face, aquela de coordenação e de direção das empresas pelos capitalistas e, aquela de vigilância, pressão e controle sobre os trabalhadores.

A evolução do sistema econômico ou mais precisamente, o desenvolvimento da dupla natureza da cooperação do trabalho - processo de coordenação e processo de extração do excedente econômico - acaba, muitas vezes, por separar essas duas atividades (5).

O desdobramento da acumulação do capital ao longo de seu processo evolutivo, conduziu inexoravelmente o capitalista a perder sua característica de coordenador-controlador-vigilante imediato do trabalho, ao tempo em que ele delegava estas funções a uma espécie particular de assalariado.

"Le capitaliste commence par se dispenser du travail manuel. Puis, quand son capital grandit et avec lui la force collective qu'il exploite, il se démet de sa fonction de surveillance immédiate et assidue des ouvriers et de groupes d'ouvriers et la transfère à une espèce particulière de salariés. Dès qu'il se trouve à la tête d'une armée industrielle, il lui faut des officiers supérieurs (directeurs, gérants) et des officiers inférieurs (surveillants, inspecteurs, contremaitres), qui, pendant le procès de travail, commandent au nom du capital" (6).

No início havia uma resistência dos empreendedores - contrários ao desenvolvimento das forças produtivas - que tentavam manter o controle familiar de suas empresas; mas a dimensão e a complexidade dos negócios, bem como a concorrência, tornaram difícil a continuidade da guarda e do controle dos estabelecimentos pelas famílias. Desde esse momento aparece na economia um mercado de trabalho, de uma parte para os administradores, os técnicos da administração e da contabilidade, os datilógrafos, as secretarias e, de outra parte, para os inspetores, os vigilantes etc.

O empreendedor enquanto "l'homme qui se charge de tout", perde sua eficácia e cede lugar a um tipo de direção mais e mais moderna e eficiente; ele guarda entretanto as funções financeiras e políticas da empresa.

3. O trabalho intelectual/o trabalho manual

A medida que o desenvolvimento do capitalismo evoluía do estágio do individu-

alismo econômico para outro de uma economia programada e mais complexa em relações sociais, sua forma de cooperação separava cada vez mais o trabalho de concepção do trabalho de execução, o trabalho intelectual do trabalho manual. Isso permite o aparecimento, na sociedade, de uma nova estrutura de dominação em nome da ciência e do capital, que introduz nas empresas uma organização moderna e uma cooperação racional do trabalho.

A dupla face da cooperação capitalista do trabalho deve então ser duplamente pensada:

1) A cooperação - aquela que concebe a produção antes mesmo de sua realização, que segue esse mesmo processo de produção (em vista de seu controle de qualidade etc) e que permite a unificação final de todo o processo produtivo - se faz, dentro de um movimento crescente, no interior das unidades de produção técnico-científicas. Esta cooperação pode se fazer sob a coordenação-controle, seja das empresas (capitais), seja do Estado.

A produção antes mencionada é, evidentemente, feita pelas empresas, que podem dispor de condições suficientes para empreender importantes riquezas e que dispõem de especificações suficientes e necessárias para a continuidade da manutenção desta coordenação-controle; mesmo se a coordenação-controle faz parte das responsabilidades do Estado, ela pertence de maneira indireta ao capital.

A coordenação-controle é uma atividade que cria riqueza social sob a direção do capital. Ela se encontra perfeitamente enquadrada no setor produtor de "bens" de capital e seu produto deve ser então considerado como uma mercadoria (7). O trabalhador aí empregado, possuidor de alta qualificação, vende sua força de trabalho de maneira semelhante à venda da força de trabalho do trabalhador produtivo; demais, esta força de trabalho é comprada, pelo capitalista, para um consumo produtivo. Ela é explorada pela extração da mais-valia, às vezes em densidade muito mais elevada que em outras atividades; ela deve então ser considerada como força de trabalho produtiva (8).

2) Ao longo do processo de desenvolvimento do sistema capitalista, o empreendedor foi obrigado, pela necessidade dos negócios, a delegar poderes a uma categoria especializada de assalariados e, ele pôde, assim, retirar do trabalhador coletivo a tomada de decisões, mesmo sobre as mais simples coisas.

Neste novo esquema de divisão social do trabalho, é preciso que a concepção da produção seja feita em setores (ou em unidades de produção técnico-científicas, como já assinalamos) distantes da cadeia de produção, enquanto que a execução das tarefas manuais com gestos repetitivos, mecânicos e cronometrados, faz parte do cotidiano da massa trabalhadora.

A separação trabalho intelectual/trabalho manual foi fortemente desenvolvida por Taylor e completada pela produção em cadeia de Ford. Esta separação admite hoje, setores especializados em psicologia industrial nas empresas (9). Ela está

na origem de outras funções, tais como a vigilância/controlê e o controlê/admistração.

Estas funções se encontram interiormente hierarquizadas em níveis e segmentadas em estratos salariais. Elas estão personificadas, segundo Marx, pelo oficiais superiores e pelos oficiais inferiores. Eles... não preenchem as condições requeridas para os trabalhadores produtivos de valor, sobretudo de mais-valor, pois que desempenham um papel bem definido na produção: ajudar o controlê do capital sobre o trabalho, não por produzir mais-valia, mas para fazê-la produzir.

As remunerações desses trabalhadores não são provenientes do capital variável avançado, mas do excedente econômico produzido pelos trabalhadores produtivos. Serão aqui chamados de improdutivo superiores e improdutivo inferiores.

Os improdutivo superiores

São representados, de um lado, pelos gerentes e diretores que exercem papéis da administração, da contabilidade, vendas etc; de outro lado, pelo engenheiros-técnicos que desempenham os papéis de controladores e cronometradores e que fazem executar sistemas previamente programados, sempre com o objetivo de romper a resistência (física e psicológica) dos trabalhadores subordinados diretamente ao processo de valorização do capital.

Em seu conjunto, eles recebem remunerações elevadas em retribuição de seus serviços (desde que os lucros assim permitam), numa aplicação do princípio: dividir para governar.

Os improdutivo inferiores

São representados, inicialmente, pelos datilógrafos, secretárias, técnicos em contabilidade etc, isto é, por aqueles que trabalham na administração, vendas etc; em seguida, pelos vigilantes, inspetores que ajudam aos engenheiros-técnicos; enfim, eles englobam os office-boys, pessoal da limpeza etc.

Os improdutivo inferiores se diferenciam dos trabalhadores produtivos pela natureza mesma de seus serviços e atividades, mas eles estão também submetidos à uma exploração situada ao nível da extração de um sobretrabalho muito importante para o capital.

4. Alguns efeitos econômicos da nova organização do trabalho

Ainda que o subcapítulo sobre a cooperação-coordenação-controlê remeta imediatamente à questão do progresso técnico em seu conjunto, não é aqui, ao nosso entender, que deve ser tratado sobre o aspecto da aplicação da ciência à indústria - através do emprego de máquinas que resultarão em novas invenções - assim sendo, o

que se pretende realçar é tão somente o aspecto da organização do trabalho (10).

Após a separação efetiva entre trabalho intelectual e trabalho manual, os trabalhadores diretamente ligados a produção foram obrigados a executar tarefas parcelares - fragmentadas de um todo anteriormente planejado - que compreendem gestos repetidos ao longo dos dias, meses e anos.

Esta fragmentação do trabalho conduziu inexoravelmente o trabalhador a um grau de especialização - sem especialidade alguma - supérno e introduziu uma modificação em termos de divisão social do trabalho: o trabalho qualificado e complexo passou a ser substituído por uma complexa organização do trabalho composta de atividades simples e divididas às vezes no tempo e no espaço.

A forma parcelar do trabalho levou o trabalhador, de um lado, a apertar parafusos e sempre isso, a prensar placas metálicas e sempre placas, trabalhar no torno "et toujours au tour", movimentar comandos mecânicos ou eletrônicos etc; e de outro lado, a obedecer a uma série de medidas (selecionadas, esquematizadas e definidas por um corpo técnico especializado em "relações humanas"), as quais são postas em prática sob os olhares inquisidores dos improdutivos inferiores (vigilantes, inspetores, contramestres etc).

Passar em revista pessoal os trabalhadores na entrada e na saída das unidades de produção; exigir longos períodos de trabalho sem repouso; controlar as conversações durante a atividade produtiva; evitar que os trabalhadores deixem a linha de produção (mesmo para ir ao banheiro, salvo em horários fixados previamente) etc, são algumas das medidas impostas ao quadro de pessoal, as quais, somadas à separação trabalho intelectual/trabalho manual, constituem um conjunto produtivo complexo, coercitivo e repressivo, denominado por Marx, "le depotisme de la fabrique".

Pode-se mencionar, agora, alguns efeitos que a nova organização do trabalho exerce sobre a economia em geral e sobre a força de trabalho em particular.

Enquanto parte integrante das forças produtivas, a nova organização do trabalho ajuda à acumulação do capital de duas formas distintas e conexas.

1) Nas relações de produção estritamente capitalistas.

De uma parte, rompendo a resistência econômica dos trabalhadores em suas reivindicações salariais e, de outra, permitindo a exploração relativa da força de trabalho. Estes efeitos desenvolvem, por sua vez, os mecanismos internos do capitalismo e por isso mesmo favorece a sua expansão;

2) Fora das relações de produção capitalistas.

Negando as relações de produção anteriores ao capitalismo e abrindo novos espaços econômicos para uma nova exploração absoluta da força de trabalho. Este movimento permite ao capital incorporar e submeter esta força de trabalho recentemente liberada a sua relação de produção específica.

Estas duas formas de expansão do processo de acumulação do capital exercem, a um só tempo, efeitos sobre a força de trabalho e sobre o capital. É sobre esses efeitos que abordaremos, brevemente, em seguida.

Efeitos sobre a força de trabalho

Se considerarmos um período dado de trabalho, o agravamento da exploração relativa da força de trabalho se verifica seja por aumento da intensidade do trabalho seja por um aumento de sua produtividade, o que permite, em ambos os casos, uma redução do trabalho necessário a reprodução da força de trabalho, em relação ao trabalho excedente. Por conseguinte, aí se verifica uma desvalorização da força de trabalho.

Os efeitos partidos desses eventos são:

- a) expulsão da força de trabalho para o exército industrial de reserva;
- b) negação das relações de produção historicamente anteriores ao capitalismo, o que faz crescer, ainda mais, o exército industrial de reserva.

Resultado, uma concorrência entre os trabalhadores, provocando uma baixa do salário relativo e obrigando a uma redução da força política dos trabalhadores. A diminuição dos salários exige uma menor porção relativa do valor-capital que deve ser avançado sob a forma de capital variável; "ici... se révèle une contre-tendance à la baisse du taux de profit" (11).

Efeitos sobre o capital

O progresso tecnológico desvaloriza a força de trabalho e, conseqüentemente, também desvaloriza o capital tomado em seu conjunto. Assim, a organização do trabalho produz, ela mesma, efeitos contrários sobre a taxa média de lucro:

- 1) a desvalorização da parte variável do capital - de uma maneira mais importante que a desvalorização de sua parte constante - aumenta a composição orgânica do capital (senão o progresso técnico não teria nenhum sentido) e reforça o movimento de baixa tendencial da taxa de lucro;
- 2) o aumento da intensidade e da produtividade do trabalho aumenta, igualmente, a velocidade de rotação do capital, o que exerce uma contratendência sobre a baixa tendencial da taxa de lucro.

Neste sentido, é importante insistirmos na afirmação de Andreff:

"Le taux de profit moyen tend à baisser lorsque la composition du capital s'alourdit, lorsque la valeur du capital engagé en moyens de production (capital constant) devient plus importante par rapport à la valeur du capital avancé dans l'achat de la force de travail (capital variable)".

Par contre: "D'autre part, pour un capital global donné, une rotation moyenne plus rapide entraîne, sur une période donnée, une création plus importante de surproduit. Une accélération de cette rotation conduit à une plus grande production de profit avec un même capital, donc à une élévation du taux de profit. Et inversement pour un ralentissement de cette rotation. Le taux de profit ne dépend pas seulement de la composition technique mais aussi de la vitesse de rotation du capital" (12).

5. Uma explicação ou ainda sobre os improdutivos superiores

Pode-se, é verdade, falar de uma oposição e de uma divergência de interesses existente entre os improdutivos superiores e os empreendedores, isso se verifica em razão de suas relações recíprocas que têm objetivos parcialmente opostos e às vezes contraditórios. Esta contradição é devida à natureza mesma da propriedade privada, pilar do sistema econômico-social. Assim sendo, observa-se de um lado, os empreendedores que procuram sempre por lucros mais significativos, ou mais elevados retornos para os seus capitais investidos, e de outro lado, os gerentes, administradores, engenheiros-técnicos, etc que exigem remunerações maiores em troca de seus serviços.

E, não se modifica em nada esse raciocínio se se faz uma distinção entre a propriedade jurídica do capital e sua propriedade econômica. Bem entendido que a partir do aparecimento das modernas sociedades anônimas sobre a cena econômica, os acionistas encontram-se divididos em duas grandes categorias. De uma parte, os pequenos acionistas, os quais podem mesmo ser os próprios gerentes, administradores etc, que financiam as empresas, cada um dentre eles com recursos muito reduzidos em relação ao investimento total do empreendimento, não menos por isso deixam de, efetivamente, possuir uma parte da propriedade jurídica da empresa. De outra parte, tem-se os grandes acionistas ou verdadeiros proprietários.

A medida que somente os grandes proprietários comandam a vida da empresa, determinando a produção e seu nível, impondo as políticas de preço e de mercado, a forma de comercialização e seu financiamento, fixando os salários e escolhendo o pessoal do "staff", eles se distinguem dos pequenos acionistas e recuperam em seu favor a propriedade econômica das firmas (13).

Entretanto, essas relações são quiproquos existentes entre os proprietários mesmos, uns que controlam e detêm o verdadeiro poder nas empresas (mesmo se não possuem a maioria das ações) e os outros que seguem atentamente as diretrizes

tomadas pelas empresas onde detêm pequeno número de ações, sem contudo exercerem algum controle sobre elas mesmas, sem nenhum poder portanto.

O importante a reter aqui, é a oposição existente entre os detentores da propriedade (jurídica e/ou econômica) e os gerentes, administradores etc - em uma palavra os improdutivos superiores.

Vejamos o que tem a dizer Chevalier a esse respeito:

"Du fait de l'évolution technologique, les 'corporate rich' ont besoin de gestionnaires hautement qualifiés pour assurer la direction des sociétés qu'ils contrôlent. Les dirigeants de la firme qui, selon la théorie du contrôle interne, détiennent l'essentiel du pouvoir, sont en fait les auxiliaires techniques des 'corporate rich' auxquels ils sont soumis. Ils sont recrutés en fonction de leurs compétences, ils reçoivent des rémunérations fort importantes, bénéficient d'options pour l'achat d'actions et de multiples avantages, mais ils restent subordonnés au groupe qui les a mis en place" (14).

Isto posto, façamos ainda referência a interpretação de Dumenil (15), na qual, a remuneração do pessoal do "staff" e dos empregados improdutivos está contida na massa de salários pagos pelas empresas; entretanto os trabalhos que venhem em retorno a essas remunerações não criam valor, logo não pertencem de nenhuma forma ao capital variável avançado. Assim, estas remunerações ^{não} representam senão uma redução dos lucros no objetivo mesmo de uma majoração da taxa de lucro. O que provoca a seguinte composição das despesas:

- 1) "la valeur C de tous les biens matériels durables ou non, qui se transmet au produit (matière première, dépréciation du capital fixe, énergie...);
- 2) la force de travail qui transmet au produit sa propre valeur V accrue d'une plus-value P1;
- 3) un ensemble de dépenses qui viennent en diminution du profit, mais qui avaient pour but de majorer son taux: frais de mutation et rémunération des non-producteurs" (16).

Ainda que as remunerações dos improdutivos superiores sejam muito elevadas - o que pode ser explicado pelo custo de reprodução de suas forças de trabalho ser mais elevado - pode-se, sem sombra de dúvida, falar de uma exploração da força de trabalho improdutiva (bem compreendida a força de trabalho dos improdutivos superiores). No momento em que a fração de mais-valia que ela recebe, enquanto salário, é menor que aquela que ela permite produzir e/ou economizar com seu trabalho tem-se uma luz que aponta no sentido de obter uma explicação a respeito dessa exploração.

Dessa maneira, a força de trabalho improdutiva permite uma mais-valia suplementar ao capital ou uma espécie de poupança em suas despesas de circulação. O que faz desses trabalhadores, segundo Dumenil (17), "des êtres ambigus": de um lado, o improdutivo superior vive de uma porção da mais-valia sem, contudo, ser um capitalista e, de outro lado, ele recebe um salário, arrisca estar no desemprego e todas as vicissitudes próprias aos proletários.

A despeito de todas estas contradições inerentes aos improdutivos superiores, sustentamos aqui a idéia da existencia de um paralelismo entre o movimento de suas remunerações e o movimento dos lucros (18). Este paralelismo não é absolutamente causado pela demanda desse tipo de serviço encontrar-se mais elevada que a oferta, como querem os teóricos neoclássicos; nem mesmo devido a suas maiores qualificações - formais e informais - necessárias a seus respectivos trabalhos, como sustenta a teoria do capital humano. Este paralelismo provem da estrutura de classe da sociedade, que utiliza os princípios da hierarquia como forma de provocar uma segmentação e uma segregação no mercado de trabalho de maneira a assegurar uma dominação socialmente definida.

Os trabalhadores improdutivos superiores, que recebem um salário como contrapartida de seu trabalho, não produzem, em momento algum, valor; eles consomem improdutivamente uma porção muito fraca (em termos absolutos esta porção é significativa) da mais-valia total e, assim, permitem e ajudam ao prosseguimento da valorização do capital.

A segmentação do mercado de trabalho oferece uma proteção aos lucros empresariais e requer uma estrutura hierarquizada, na qual os gerentes, administradores etc jogam um papel muito importante na tomada de decisões sob o comando e controle das empresas.

Assim, o quadro improdutivo superior exerce uma proteção de importância fundamental para os lucros das empresas e, por outro lado, esse quadro se coloca em contradição com os demais trabalhadores (produtivos e improdutivos inferiores), contra suas políticas de emprego e/ou de salário. A eficácia de seus serviços é, então, retribuída por altos salários e remunerações, gratificações, participações nos lucros empresariais, bonificações etc. O que conduz inevitavelmente o movimento de suas remunerações, quando vistas globalmente, a uma flutuação diretamente atada à flutuação dos lucros, fazendo desses homens, segundo Galbraith (19), "des associés non actionnaires". Esse fato coloca as contradições desses associados não acionistas com o capital em um plano secundário.

Este tipo especial de atividade não cria valor e mais-valia, dado que ele não participa no processo imediato de produção, como também ele não dirige o processo de acumulação de capital, pois os improdutivos superiores não detêm a propriedade dos meios de produção. Entretanto, através da direção, da administração, da vigilância e do controle eles acabam por constituir uma espécie de tela de proteção para uma relação social determinada, no objetivo mesmo de sua reprodução e sua perpetuação.

O surgimento desta categoria, bem como toda a importância que ela alcançou - no auxílio do comando da produção social e, logo, da reprodução da relação que essa produção exige - é determinado pelo sistema econômico, na medida em que ele se torna mais e mais complexo e amplo. Neste momento o verdadeiro dirigente (proprietário) desempenha um papel que torna-se limitado, e ele fica obrigado a aceitar que outros braços participem da direção em seu nome.

Falar de uma autonomia de uma tal categoria, que teria interesses próprios, é aceitável, desde que tenhamos sempre em conta os limites impostos pela ordem social em vigor, a qual não se deve jamais esquecer seu fundamento: a propriedade privada e sua jurisprudência. Deve-se, contudo, entender, hoje, a propriedade privada em seu sentido largo, ou seja incorporando suas formas estatais, burocráticas etc.

Uma exceção àquela autonomia aparece, talvez, no momento em que o poder delegado não possa mais ser recuperado. Nesta circunstância o improdutivo superior passa a uma outra situação, na qual ele se transforma em um verdadeiro dirigente (20).

NOTAS

- (1) Poulantzas, N. *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*. "La classe ouvrière est délimitée non pas par un simple critère négatif 'en soi' - son exclusion des rapports de propriété - mais par le travail productif" p.213. Não é preciso dizer que, a este respeito a análise de Poulantzas se apresenta muito limitada e simplificada.
- (2) Para uma primeira aproximação teórica sobre este tema, lebramos o trabalho de Colliot-Thélène, C. *Contribution à une analyse des classes sociales*. In: *Critiques de l'économie politique*. Nº 10, bem como o trabalho de Poulantzas.
- (3) Marx, K. *Oeuvres*. Pleiade, 1968. "J'appelle subordination formelle du travail au capital la forme qui repose sur la plus-value absolue, parce qu'elle ne se distingue que formellement des modes de production anciens". Par contre, "la subordination réelle du travail au capital s'opère dans toutes les formes qui développent la plus-value relative par opposition à la plus-value absolue" p. 369 e 379 respectivamente.
- (4) Marx, K. *Le capital I*. "Quand plusieurs travailleurs fonctionnent ensemble en vue d'un but commun dans le même procès de production ou dans des procès différents mais conexas, leur travail prend la forme coopérative" p.239.
- (5) Tentaremos mostrar esta separação no estudo do trabalho intelectual/trabalho manual.
- (6) Marx, K. op. cit. I. p.243.
- (7) Viola, E. *Formas de produção científico-técnica e formação social: esboço de uma problemática*.

- (8) Idem.
- (9) Estes métodos não diferem fundamentalmente daqueles utilizados pelo movimento de estímulo à produção na URSS de 1936 à 1939 (Stakhonovismo). Se trata, em verdade, de uma sistemática já pensada por Lenin, como "l'angle positif du taylorisme".
- (10) Corriat, B. Science, technique et capital. "En tant qu'il est méthode d'organisation du travail, le taylorisme '(é preciso somar aqui outros métodos semelhantes)' est une méthode particulière - et particulièrement efficace - pour produire de la plus-value relative. Par là il fait partie intégrante des forces productives". p.121. (o sublinhado é nosso).
- (11) Andreff, W. Profits et structures du capitalisme mondial. p. 31.
- (12) Idem. p.99 e 100 respectivamente.
- (13) Morin, F. La structure financière du capitalisme français.
- (14) Chevalier, J.M. La structure financière de l'industrie américaine. p.209.
- (15) Dumenil. G. La position de classe des cadres et employés.
- (16) Idem p.69.
- (17) Idem
- (18) Pereira, L.C.Bresser. Le sous-développement industrialisé. Analisando a distribuição de renda, em um modelo de três classes sociais (capitalistas, técnicoburocratas e trabalhadores), Pereira observa que estando constante o movimento da margem de lucro, a participação dos trabalhadores no produto líquido tem uma tendência à baixa, o que faz crescer a participação dos técnicoburocratas nesta mesma renda.
- (19) Galbraith, J.K. O novo estado industrial.
- (20) Poulantzas, N. As classes sociais

TRABALHOS REALIZADOS NO CURSO DE
MESTRADO EM ECONOMIA DA UFBA.

A - TESES DE MESTRADO

"Industrialização e Incentivos Fiscais na Bahia: Uma Tentativa de Interpretação Histórica"
Autor: José Sérgio Gabrielli de Azevêdo
Ano: 1975

"Avaliação Social de Custo-Benefício da Atividade de Exportação do Cacau Brasileiro na Forma de Produtos Derivados"
Autor: Aurélio Farias de Macêdo
Ano: 1976

"A Oferta de Fumo no Estado da Bahia: Discussão dos Modelos de Defasagens Distribuídas"
Autor: José Murilo Philigret de Oliveira Baptista
Ano: 1977

"Custo de Vida na Cidade de Salvador"
Autor: Geraldo Dias de Brito
Ano: 1977

"As Características das Microempresas em Salvador"
Autor: Fernando da Silva Sant'anna
Ano: 1977

"Migração e Subemprego em Salvador"
Autor: Guaraci Adeodato Alves de Souza
Ano: 1977

"Produtividade Comparativa do Capital entre Grandes e Pequenas Propriedades Rurais no Município de Cruz das Almas-Ba."
Autor: Almir Ferreira dos Santos
Ano: 1977

"Análise da Produtividade e Utilização dos Fatores na Avicultura de Corte do Distrito Federal e Municípios Adjacentes"
Autor: Sérgio Augusto Cibreiros de Souza
Ano: 1977

"A Intervenção Planejada do Estado: Uma Interpretação do Caso Baiano"

Autor: Celeste Maria Pedreira P. Baptista
Ano: 1979

"Salários, Preços e Mobilidade do Trabalho em Dez Micro-Regiões do Estado da Bahia"

Autor: José Bezerra de Araújo
Ano: 1979

"Ocorrência de Classes Sociais no Meio Rural do Estado da Bahia"

Autor: Flávio Borges Botelho Filho
Ano: 1979

"Avaliação das Exportações Tradicionais Baianas; Caso de Sisal e Mamona"

Autor: Isaias Coelho
Ano: 1979

"O Custo Social do Trabalho na Região Metropolitana de Salvador"

Autor: José Onofre Gurjão Boavista da Cunha
Ano: 1979

"Linhas de Financiamento Recentes e sua Utilização pelo Setor Industrial Baiano"

Autor: Eliécim Rodrigues Fidelis
Ano: 1979

"Rendas Regionais"

Autor: Hamilton da Silva Freitas
Ano: 1979

"Salários em Nove Ramos da Indústria de Transformação da Bahia: algumas reflexões"

Autor: Antonio Wilson Ferreira Menezes
Ano: 1979

"A Capacidade de Endividamento do Estado e o Desenvolvimento Econômico: O Caso da Bahia"

Autor: Daniel Marinho da Silveira
Ano: 1979

"Planejamento Estatal no Brasil e Desenvolvimento Regional: um Estudo da Industrialização do Nordeste no Período de 1960/1976; Abordagem da Teoria e da Prática do Desenvolvimento Regional em uma Economia de Mercado Periférico.

Autor: Luis Coelho de Araújo
Ano: 1980

"Investimentos Públicos e Especulação Imobiliário em Áreas de Expansão Urbana" Litoral Norte - Um estudo de Caso"
Autor: Nilo Coelho de Araújo
Ano: 1980

"Análise Comparativa da Fragilidade das Pequenas e Médias Empresas em Relação às Grandes Empresas na Bahia: Estudo Conjuntural de 361 empresas, nos anos de 1975, 1976 e 1977."
Autor: Paulo Raimundo Almeida de Brito
Ano: 1980

"Avaliação do Diferencial de Renda entre Graduados e Pós-Graduados em uma População de Economistas; O caso dos diplomados pela UFBA."
Autor: Luis Alberto Bastos Petitinga
Ano: 1980

"Avaliação da Política Comercial das Exportações Brasileiras: O Caso do Cacau e do Fumo na Bahia"
Autor: José Carlos Almeida da Silva
Ano: 1980

"Crédito Rural e Pequena Produção em Tucano (Ba.)"
Autor: Paulo José Simões de Amorim
Ano: 1981

"O Programa UNOS: Um Instrumento Eficiente de Apoio às Micro - Empresas Algumas Evidências"
Autor: Lielson Antonio de Almeida Coelho
Ano: 1981

"O Modelo de Sraffa"
Autor: José Carrera Fernandez
Ano: 1981

"Análise em Cross-Section de Orçamentos Familiares"
Autor: Dionísio Gomes do Carmo Neto
Ano: 1981

"O Mercado do Feijão — Oferta, Demanda e Intercâmbio Comercial"
Autor: Romeu Salaro
Ano: 1981

"Agroindústria Açucareira do Estado de Alagoas, sua Importância Sócio Econômica e Absorção de Mão-de-Obra".
Autor: Lívio Andrade Wanderley
Ano: 1981

"Função de Produção CES Geral: Caso da Indústria de Transformação de Santa Catarina"
Autor: Pedro Paulo Hugo Wilhelm
Ano: 1981

"A Intermediação Financeira na Política Habitacional Brasileira"
Autor: Oswaldo Ferreira Guerra
Ano: 1982

"A Produção Doméstica"
Autor: Elaine Figueira Norberto Silva
Ano: 1982

"Diferenciais de Preços e Subordinação: Um Estudo da Comercialização do Café na Chapada Diamantina"
Autor: Luis Antonio Mattos Filgueiras
Ano: 1982

"Um Estudo de Política Monetária: A Interpretação de Brunhoff"
Autor: Hamilton de Moura Ferreira Júnior
Ano: 1982

"Diferenciações dos Fatores Associados com as Finanças Municipais — O Caso dos Municípios do Estado da Bahia"
Autor: Raymundo José Alves Badaró
Ano: 1982

"Tarifa Horo-Sazonal e Programa para Baixa Renda; Dois Aspectos da Energia Elétrica na Bahia"
Autor: Antonio Raymundo Tavares Ferreira
Ano: 1983

"Função de Produção CES Geral: Caso da Indústria de Transformação do Estado da Bahia"
Autor: Adailton Santana dos Santos
Ano: 1983

"Caracterização e Dinâmica das Transformações Ocorridas na Base Tecno-Econômica do Agro Baiano na Década 1970-1980"
Autor: Antonio João da Silva
Ano: 1983

"Avaliação dos Subsídios ao Crédito na Produção: O caso do Sub-sistema Agrícola Cacau"
Autor: Marcus Venicius Barreto de Magalhães
Ano: 1983

B - TEXTOS PARA DISCUSSÃO

01. SIMÕES, Jairo - Evolução Recente da Economia Baiana-vol.22, UFba. 1978.
02. MUSALEM, Alberto Roque - Monetary Disinflation, Intervention Criteria, Spread and Non Traded Goods, julho/1980.
03. _____ - Política de Subsídios e Exportações de Manufaturados no Brasil. agosto/1980
04. DAMÁSIO, João - Notas Introdutórias do Capitalismo: Monopolista: Um Comentário - 1981.
05. MUSALEM, Alberto Roque - Salário Real, Produtividade, Emprego e Preço Relativo dos Manufaturados no Brasil. maio/81.
06. _____ - Nontraded Deficit Finance in a General Equilibrium Model of Production the case of Argentine. agosto/1981.
07. PEDRÃO, Fernando Cardoso - Problemas de Teoria da História da Teoria Econômica - 1981
08. DAMÁSIO, João - Sraffa e os Postulados da Teoria Neoclássica. mimeo. Salvador/1981. (2ª versão em 1984).
09. _____ - Technical Progress in Brazilian Manufacturing - 1981
10. ALMY, Susan Whitin - Continuará o Camponês da Sociedade Urbanizada? mimeo. 1981
11. MUSALEM, Alberto Roque - The Real Exchange Rate: Testing the Overshooting Hypothesis in Argentina and Brazil , abril/1982.
12. _____ - O Regime Drawback nas Exportações de Manufaturados e a Balança Comercial do Brasil-julho/1982.

13. DAMÁSIO, João - Dynamics in Input-Output Analysis: Deterministic Models or "Ex-Post" Comparison? - agosto/1982.
14. MUSALEM, Alberto Roque - Política Comercial e Distribuição no Brasil - outubro/1982.
15. PEDRÃO, Fernando Cardoso - Metropolização e Urbanização na Bahia - 1982.
16. ROSINGER, Jean Luc - Um Reexame do Problema da Transformação: A "Solução" Duménil-Lipietz" - 1982
17. _____ - Exercícios com o Setor Verticalmente Integrado. mimeo - 1983
18. PEDRÃO, Fernando Cardoso - A Competitividade da Indústria no Nordeste - 1983
19. MUSALEM, Alberto Roque - A Model of the Real Exchange Rate and Current Account Determination: The Estimates for Brazil - fevereiro/1983.
20. _____ - Devaluation, Debt Financing, the Current Account and Non Traded Goods - abril/1983
21. DAMÁSIO, João - Sraffa and the Inverse Transformation Problem: An Empirical Experiment to Brazil 1969 - junho / 1983
22. MUSALEM, Alberto Roque - The Current Account and Nontraded Goods in a Simple Macroeconomic Model for Latin American Countries: The Estimates for Brazil. setembro/1983
23. ROSINGER, Jean Luc - Taxa de Mais-Valia, Trabalho Comandado e Taxa de Lucro: Uma Abordagem Funcional - 1984
24. PEDRÃO, Fernando Cardoso - Mito e Realidade Histórica do Progresso - 1984.

25. SIMÕES, Jairo - As Quatro Crises da Economia Brasileira-1984
26. ELLIOTT, Howard & MAIA, José Afonso Ferreira - O Programa de Estudos Econômicos e Sociais das Regiões "Semi-Áridas" do Estado da Bahia - outubro - 1984.
27. MENEZES, Antonio Wilson Ferreira - Notas sobre o Trabalho Produtivo em Marx e Organização Social do Trabalho sob o Capital Produtivo. outubro/1984.
28. PEDRÃO, Fernando Cardoso - As Bases Conceituais da Análise Social Regional - outubro/1984.
29. PEDRÃO, Fernando Cardoso - A Posição do Nordeste na Economia Nacional - 1984.

C - TEXTOS DIDÁTICOS

AZEVEDO, José Sérgio Gabrielli - Survey on the Theory of State: A Skeptical Point of View - Salvador - 1980

DAMÁSIO, João - O Modelo de Sraffa - 1981

_____ - Uma Periodização Provisória do Desenvolvimento das Relações de Produção Capitalista no Brasil. Salvador/82.

_____ - Vinte Problemas Teóricos sobre Desenvolvimento e Dependência. mimeo. Salvador/1982.

D - RELATÓRIO DE PESQUISA

AZEVEDO, José Sérgio Gabrielli - Empresas Estatais Baianas; Avaliação de Desempenho. mimeo. Salvador, 1981.

PEDRÃO, Fernando Cardoso & ALMEIDA, Rômulo Barreto - Avaliação dos Parâmetros de Colonização do Alto do Turi-Ma. mimeo/1982.

MARQUES, Carlos Alberto Gentil, CUNHA, J.O.G.B., ELLIOTT, Howard - Análise Comparativa do Mercado de Trabalho Nordestino Usando Dados do Sistema RAIS - junho/1983.

PEDRÃO, Fernando Cardoso - A discussão Regional da Economia no Desenvolvimento - 1983.

MAIA, José Afonso Ferreira, Coord.- A Região de Irecê: Elementos para uma Avaliação das Perspectivas e Problemas de Desenvolvimento. Salvador, UFBA. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Estudos Econômicos e Sociais das Regiões Semi-Áridas do Estado da Bahia, maio 1984. (Projeto de Estudos do Sistema Produtivo da Região do Baixo de Irecê e Adjacências, 1).

E - LIVROS

WHITIN, Susan Almy - Pesquisa na Economia Brasileira: Uma Contribuição Metodológica. Gráfica Arco-Iris, Salvador/1983-100 páginas.

COUTO, Vitor Athayde - Cinco Anos de Políticas Agrícolas Questionando a Prioridade - Salvador, FAEB - 1984 - 71 páginas.

CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

END.: Praça da Piedade, 06

Centro - Fone: 241-1522/1552

CEP - 40.000

Salvador - Bahia